

Paixão e história

PESQUISA EXPLORA ARQUIVOS DE CLUBES PARA DESCOBRIR
COMO FUTEBOL SE TORNOU O ESPORTE DO POVO

Como explicar a magia que uniu o futebol — europeu na origem — à mística brasileira, de forma tão perfeita, a ponto de se confundir o Brasil com o esporte?

Há dois anos, os pesquisadores do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (Tempo), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foram buscar respostas para essa questão e deram início ao projeto Memória Social dos Esportes, uma análise da construção da identidade nacional a partir do futebol. A proposta é fazer um estudo documental profundo nos arquivos dos clubes, contemplando, também, outras modalidades esportivas.

A primeira etapa do projeto foi concluída em dezembro de 2002, quando foi lançada uma caixa com três CD-ROMs, que resgatam a história do Club de Regatas Vasco da Gama, e um livro sobre a arquitetura do Estádio de São Januário. A opção pelo clube tem razões históricas: fundado em agosto de 1898, o Vasco da Gama foi o primeiro a conseguir romper com o modelo elitista da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres ao escalar negros e assalariados no time que conquistou o seu primeiro título carioca, em 1923, passados 35 anos da Abolição. Em represália, os grandes clubes fundaram uma nova liga sem o Vasco, que resistiu e acabou aceito. Em 1908, o Bangu Atlético

Vasco da Gama foi o primeiro a romper com o modelo elitista que impedia ingresso de pobres e negros nos times

Clube já contava com jogadores negros e operários, mas recuara anos depois diante das pressões.

“A iniciativa do Vasco abriu espaço para um futebol nacional e popular”, destaca o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, coordenador do Laboratório Tempo e do projeto Memória Social dos Esportes. “À medida que se transformava em esporte de massa, o futebol reproduzia as disputas dos últimos anos da República Velha”, explica. O que acontecia na época era o conflito entre dois modelos. Um era velho, elitista e excludente, e o outro, novo, nacional e popular, sintetizado pela aceitação de negros, assalariados e operários nos times de futebol. A questão da raça será

retomada em março de 2003, quando chegará às livrarias a reedição de *O negro no futebol*, lançado em 1947 pelo jornalista Mário Filho.

O Vasco da Gama impulsionou as transformações. “O arranjo social abrangente e incluyente, realizado pelo clube na década de 20, antecedia e previa o próprio arranjo social organizado na década de 30, em especial durante o Estado Novo”, destaca a historiadora Clara Emília Sanches Monteiro de Barros Malhano, que, ao lado do arquiteto Hamilton Botelho Malhano, é autora de *São Januário — Arquitetura e história*. A obra é fruto de uma pesquisa histórica enriquecida pela análise arquitetônica do estádio. “São Januário é um dos raros remanescentes da arquitetura neocolonial e o único projeto comprovadamente do arquiteto português



Ricardo Severo, na cidade do Rio de Janeiro.”

Entre os detalhes da arquitetura, Clara Emília Malhano destaca a fachada, as grades em volta das cadeiras e a azulejaria encomendada aos artistas lusitanos Jorge Colaço e Manuel Igrejas em épocas diferentes. Os painéis de azulejos de São Januário serão o tema do próximo livro da historiadora. O estádio, inaugurado em 1927, foi edificado com uma argamassa especial, pois o então presidente da República, Washington Luís, não autorizou a importação de cimento.

Já os CD-ROMs são uma parceria entre o Laboratório Tempo, a FAPERJ, a Mauad Editora e o Vasco da Gama. Também reúnem milhares de documentos inéditos, como as fichas de cerca de 8 mil atletas de várias modalidades esportivas que são uma espécie de pron-



UM DOS DESTAQUES DA ARQUITETURA DO ESTÁDIO É A SUA AZULEJARIA, ASSINADA POR ARTISTAS PORTUGUESES

tuário que registra o resultado e outras informações de cada jogo ou competição de que eles tenham participado. Os pesquisadores prepararam textos para cada modalidade analisando o momento histórico. Há, ainda, croquis, caricaturas e um acervo com mais de 500 fotografias digitalizadas, que acom-

panha todos os momentos da história do clube e suas conquistas. “O maior mérito dessa primeira fase do projeto foi salvar essas fichas”, afirma Francisco Carlos Teixeira.

As fichas são reproduzidas no CD em sua apresentação original, com informações escritas a caneta ou a lápis. A equipe do projeto optou por digitalizar os documentos, em vez de dar a eles qualquer tipo de tratamento estatístico. “Com a digitalização, o pesquisador fica em contato direto com o documento, sem qualquer tipo de interferência que poderia resultar em erros de interpretação”, explica.

Além da caixa com os CDs e o livro, foi realizado um intenso trabalho de pesquisa, que resultou na criação do Centro de Memória Vasco da Gama. O espaço, instalado em duas salas de São Januário, reúne edições de jornais desde 1909, as fichas dos atletas, fotografias e os livros de atas do clube desde a fundação.

Mas o projeto Memória Social dos Esportes não veste apenas as cores do time de São Januário. Será lançado em março, pela Mauad Editora, *Futebol e identidade nacional*, que pretende explorar de forma profunda essa paixão popular. “A proposta do livro é fazer uma análise de como o futebol chegou ao Brasil e como ele se transformou em um esporte de massa”, adianta Francisco Carlos Teixeira. Para os torcedores dos outros clubes uma esperança: já foram iniciados contatos com o Botafogo e o Fluminense para possíveis trabalhos no futuro.

Marcos Patrício

Apoio | FAPERJ
Título | Memória Social dos Esportes
Modalidade | Auxílio à Pesquisa (APQ1)
Valor | R\$ 656.871,00
Ano | 2001

A HISTÓRIA DO VASCO EM NÚMEROS

O primeiro dos três CD-ROMs traz textos e as fichas dos atletas do futebol, do atletismo e do futebol de salão. O segundo volume é dedicado às demais modalidades, como o remo — que marca o início do clube —, o basquete, a natação e o ciclismo, entre outras; e o terceiro reúne o acervo fotográfico. Ao acessar as fichas, é possível rever o placar de partidas que remetem a momentos significativos, como a vitória por 2 a 0 sobre o Internacional, dia 25 de novembro de 1971, no Maracanã, em partida válida pela primeira edição do Campeonato Brasileiro.

Naquele jogo, o atacante Carlos Roberto de Oliveira, então desconhecido e ainda na categoria juvenil do clube, entraria em campo no segundo tempo e marcaria o seu primeiro gol no time profissional do Vasco. Foi um chute fortíssimo de direita, que valeu ao jovem de 17 anos o apelido de “Dinamite”. Nascia ali a fama de Roberto Dinamite, o maior artilheiro da história do clube, que, em 1.069 partidas, marcaria 617 gols pela equipe profissional e outros 34 pela amadora.

Além das 26 fichas de Roberto, é possível pesquisar os números do atacante pernambucano Ademir Marques de Menezes, grande ídolo do Vasco antes da era Dinamite, que marcou 307 gols em 246 jogos disputados pelo clube nas décadas de 40 e 50. Também estão lá os registros de outros jogadores que formaram o chamado “Expresso da Vitória”, como Jair Rosa Pinto, Danilo e Heleno de Freitas.

Naquela época, o goleiro era Barbosa, que acabaria estigmatizado pela derrota da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1950. As fichas do clube, entretanto, contribuem para recuperar a memória de Moacyr Barbosa, que em 1948 defendeu um pênalti na final do Sul-Americano de Clubes no Chile. Ao garantir o empate sem gols contra o River Plate, Barbosa deu ao clube e ao futebol brasileiro o seu primeiro título internacional.